

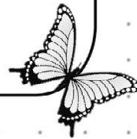
ANNE de
GREEN GABLES



L. M. MONTGOMERY

ANNE de
GREEN GABLES

 editora
coerência

The logo for Editora Coerência, featuring a stylized leaf or flower icon to the left of the text "editora coerência".

TRADUÇÃO
Giovanna Vaccaro
Lucas Fernandes

Copyright © L. M. Montgomery, 1908
Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020

TÍTULO ORIGINAL

Anne of Green Gables

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PREPARAÇÃO
Bianca Gulim

CAPA
Mirella Santana

TRADUÇÃO
Giovanna Vaccaro
Lucas Fernandes

REVISÃO
Rogério Mazzetto
Jadna Alana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Montgomery, L.M.
Anne de Green Gables / L. M. Montgomery; tradução de Giovanna Vaccaro e Lucas
Fernandes. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2020

Título original: Anne of Green Gables
ISBN: 978-85-5327-229-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5



São Paulo

Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

Eu me lembrava de que o mundo real era vasto, e que uma quantidade enorme de esperanças e medos, de sensações e emoções, estavam à espera daqueles que ousassem sair por ele afora, buscando, em meio a seus perigos, o verdadeiro conhecimento do que é a vida.

Charlotte Brontë, *Jane Eyre*



I



A SRA. RACHEL LYNDE SE SURPREENDE



A sra. Rachel Lynde morava exatamente no lugar em que a estrada principal de Avonlea desfazia-se em um pequeno vale cercado por amieiros e brincos-de-princesa, onde havia um riacho que nascia no bosque da casa dos Cuthbert. Aquele córrego era conhecido por suas águas agitadas, mas ao chegar ao vale dos Lynde tornava-se uma corrente de água calma e bem conduzida, pois nem mesmo um riacho poderia passar pelas portas da sra. Rachel Lynde sem o devido respeito e decoro. Ele provavelmente tinha consciência de que a sra. Rachel sentava-se diante de sua janela, mantendo um olhar atento a tudo que passava, de riachos a crianças. Também devia saber que, se ela notasse algo atípico ou fora de lugar, jamais descansaria até que soubesse os quês e os porquês de tudo.

Muitas pessoas dentro e fora de Avonlea deixariam de cuidar de suas próprias vidas para cuidar da vida de seus vizinhos, mas a sra. Rachel Lynde era uma daquelas criaturas perspicazes que, além de cuidar da própria vida, conseguia ainda se meter na dos outros. Era uma dona de casa exemplar, seu trabalho era sempre muito bem-feito. Ela “cuidava” do Clube de Costura, ajudava na organização da escola dominical e era a maior apoiadora da Sociedade Beneficente da Igreja



e da Assistência às Missões Estrangeiras. E, mesmo assim, ainda tinha tempo de sobra para ficar horas em frente à janela da cozinha, tricotando colchas de chenille — já havia tricotado dezesseis delas, contavam as donas de casa de Avonlea, admiradas — e observando atentamente a estrada principal, que atravessava o vale e subia o aclive avermelhado mais à frente. Já que Avonlea ocupava uma pequena península triangular no golfo de São Lourenço, com água dos dois lados, qualquer um que entrasse ou saísse de lá teria de passar por aquela estrada e, portanto, pelo julgamento invisível dos olhos que a tudo viam da sra. Rachel.

E lá estava ela em uma tarde do começo de junho. Os raios quentes e brilhantes do sol atravessavam a janela; no pomar, na parte de baixo da casa, cresciam flores rosa-esbranquiçadas sobrevoadas por uma miríade de abelhas. Thomas Lynde — um homem bondoso que as pessoas de Avonlea chamavam de “o marido de Rachel Lynde” — estava plantando suas sementes de nabo no campo da colina, além do celeiro. Matthew Cuthbert devia estar semeando as dele no vasto campo vermelho próximo ao riacho, na propriedade da fazenda Green Gables; a sra. Rachel sabia disso porque tinha ouvido o próprio Matthew contar seus planos a Peter Morrison no dia anterior, na loja de William J. Blair, em Carmody. Com toda certeza Peter perguntara a ele sobre isso, porque Matthew Cuthbert era conhecido por não compartilhar informações por livre e espontânea vontade.

Contudo, às três e meia da tarde de um dia em que deveria estar ocupado, Matthew estava dirigindo-se tranquilamente até a colina. O mais espantoso era que vestia sua melhor roupa, a prova de que estava saindo de Avonlea. A charrete e uma égua alazã indicavam que planejava percorrer uma distância considerável. Aonde estava indo Matthew Cuthbert e por que o fazia?

Se fosse qualquer outro homem em Avonlea, a sra. Rachel, habilmente ligando os pontos, poderia dar um bom palpite para essas duas perguntas. Mas Matthew saía de sua casa tão esporadicamente que somente algo atípico o levaria a fazer aquilo — ele era o homem mais tímido do mundo, odiava ser rodeado por estranhos e ir a lugares em que era obrigado a comunicar-se com outras pessoas. Matthew,

vestido com um colarinho branco e conduzindo uma charrete, era algo que não acontecia frequentemente. Por mais que a sra. Rachel pensasse, não conseguia encontrar um motivo para aquilo, o que estragou a diversão de sua tarde.

Depois do chá, vou à casa da Marilla para descobrir aonde ele foi e o que o motivou, decidi a mulher honrada. Ele quase nunca vai à cidade nesta época do ano e nunca visita ninguém. Se suas sementes de nabo tivessem acabado, ele não se vestiria daquela maneira nem pegaria a charrete para comprar mais. Não estava seguindo em grande velocidade, então provavelmente não saiu em busca de um médico devido a uma emergência. Alguma coisa há de ter acontecido... Estou em um labirinto, e como estou! Não voltarei a viver em paz até descobrir o que levou Matthew Cuthbert a sair de Avonlea hoje.

Como havia prometido a si mesma, a sra. Rachel partiu após o chá. Não precisou ir tão longe: a casa grande e cercada por pomares onde os Cuthbert moravam ficava a cerca de quatrocentos metros subindo a estrada pelo vale dos Lynde. Na realidade, o caminho fazia parecer que era bem mais longe. O pai de Matthew Cuthbert, que fora tão quieto e tímido quanto o filho, fizera questão de erguer sua casa em um lugar bem afastado dos vizinhos. Green Gables fora construída na ponta do distrito e estava lá desde então, dificilmente visível da estrada principal, ao redor da qual todas as outras casas de Avonlea estavam socialmente situadas. A sra. Rachel Lynde não achava que viver naquele lugar, para ela tão distante das outras residências, fosse *viver* de verdade.

— É apenas *ficar*, é isso — disse enquanto andava pelo caminho coberto de grama alta e contornado por arbustos de rosas silvestres. — Dá para entender por que Matthew e Marilla são um pouco estranhos, vivendo sozinhos por aqui. As árvores não são uma boa companhia; se fossem, haveria o suficiente delas. Eu prefiro olhar para as pessoas. Eles parecem satisfeitos, mas suponho que já estejam acostumados a isso. As pessoas podem se acostumar a qualquer coisa, até mesmo a serem enforcadas, como dizem os irlandeses.

Ela abandonou a estrada e adentrou o quintal de Green Gables. O jardim estava esverdeado, limpo e bem cuidado: de um lado, lindos salgueiros patriarcais; do outro, belos álamos. Não havia nem mesmo

um graveto ou uma pedra fora do lugar; se fosse o caso, a sra. Rachel teria reparado. Particularmente, ela ponderava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal com a mesma frequência com que varria sua casa, pois era tão limpo que seria possível comer algo vindo diretamente do chão sem ingerir nenhuma sujeira.

A sra. Rachel aproximou-se da porta dos fundos e entrou assim que recebeu permissão para tal. A cozinha em Green Gables era um cômodo alegre — ou teria sido, se não fosse tão exageradamente limpa a ponto de passar a impressão de ser um espaço que nunca era usado. As janelas, juntas, proporcionavam uma visão completa, de leste a oeste. Do oeste, vinham os macios raios de sol da primavera; a partir da visão do leste, era possível vislumbrar as flores brancas das cerejeiras à esquerda do pomar e as bétulas delicadas e inclinadas nas margens do rio, além do espetacular esverdeado do emaranhado de vinhas. Era ali que se sentava Marilla Cuthbert quando sua desconfiança em relação aos raios de sol permitia; eles pareciam muito dançantes e inquietos para um mundo que deveria ser levado a sério. Sentada à janela leste, ela tricotava, a mesa ao fundo posta para o jantar.

Antes de fechar a porta totalmente, a sra. Rachel fez uma nota mental acerca de tudo que havia naquela mesa: três pratos, então Marilla devia estar esperando alguém, além de Matthew, para o jantar; a comida era simples, compota de maçã silvestre e algum tipo de bolo, o que a fez concluir que a companhia esperada não era alguém especial. Então por que o colarinho branco e a égua alazã de Matthew? A sra. Rachel já estava razoavelmente tonta com todo aquele mistério incomum na tranquila e nada misteriosa Green Gables.

— Boa tarde, Rachel — disse Marilla alegremente. — Não está uma linda tarde? Não vai se sentar? Como vocês estão?

Alguma coisa, que por falta de palavra melhor poderia ser chamada de amizade, existia e sempre havia existido entre Marilla Cuthbert e a sra. Rachel, apesar de — ou até por causa de — suas diferenças.

Marilla era uma mulher alta e magra, com ângulos e sem curvas. Algumas madeixas grisalhas já se destacavam em seu cabelo escuro, que estava sempre amarrado num coque pequeno e apertado, preso

com firmeza por dois grampos. Aparentava ser uma mulher de pouca experiência e costumes rígidos, o que ela de fato era; vez ou outra, porém, sua boca esboçava um leve movimento que, caso se desenvolvesse mesmo que um pouco, poderia ser considerado um indicativo de senso de humor.

— Estamos todos muito bem — disse a sra. Rachel. — Mas eu estava um pouco preocupada com você, pois vi Matthew saindo hoje. Pensei que pudesse estar indo buscar um médico.

Os lábios de Marilla contorceram-se compreensivamente. Ela já esperava a presença da sra. Rachel, sabia que a saída sem motivo aparente de Matthew seria demais para a curiosidade da vizinha.

— Ah, não, eu estou muito bem, apesar de ter tido uma forte dor de cabeça ontem — ela disse. — Matthew foi a Bright River. Nós vamos adotar um garoto de um orfanato da Nova Escócia, e ele chegará no trem de hoje à noite.

Se Marilla tivesse dito que Matthew fora a Bright River para conhecer um canguru da Austrália, a sra. Rachel não ficaria tão impressionada. Na verdade, ela ficou realmente chocada por uns cinco segundos. Era impossível imaginar que Marilla estivesse brincando com ela, mas a sra. Rachel via-se inclinada a considerar a possibilidade.

— Você está falando sério, Marilla? — perguntou assim que recuperou sua voz.

— Sim, é claro — Marilla respondeu tranquilamente, como se adotar garotos de orfanatos da Nova Escócia fosse parte das tarefas primaveris de qualquer fazenda bem administrada de Avonlea, e não uma grande novidade.

A sra. Rachel sentiu que havia recebido um solavanco mental, pois pensava com pontos de exclamação: um menino! Marilla e Matthew Cuthbert, de todas as pessoas, adotando um menino! De um orfanato! Bem, o mundo realmente estava de ponta-cabeça! Nada mais a surpreenderia depois disso! Nada!

— Como foi que você teve essa ideia? — perguntou ela, empregando na voz um tom severo; tomaram aquela decisão sem pedir seu conselho, ela tinha de demonstrar sua desaprovação.

— Bem, nós estávamos pensando nisso há um bom tempo... o inverno inteiro, na verdade — respondeu Marilla. — Quando a sra. Alexander Spencer esteve aqui, um dia antes do Natal, disse que adotaria uma garotinha de um orfanato de Hopeton na primavera. Sua prima vive lá, então a sra. Spencer sabe tudo do lugar. Eu e Matthew conversamos bastante desde então. Pensamos em adotar um garoto. Matthew está ficando velho, você sabe, ele tem sessenta anos e já não é tão ágil como era antes. O coração dele dá um bom trabalho, e você sabe como é difícil arrumar bons empregados. Nunca há ninguém além daqueles moleques franceses idiotas e miúdos; e assim que você encontra um e o ensina como as coisas devem ser feitas, eles se mandam para os Estados Unidos ou resolvem trabalhar enlatando lagostas. No começo, Matthew sugeriu adotar um garoto imigrante, mas eu fui categórica em negar. Eu disse: “Eles podem até ser bons, não estou dizendo que não sejam, mas não quero um moleque das ruas de Londres. Haverá um risco não importa quem a gente escolha, mas vou me sentir mais tranquila e vou conseguir dormir melhor se for um canadense”. Então decidimos pedir à sra. Spencer que escolhesse um para nós quando fosse buscar a garotinha dela. Ficamos sabendo na última semana que ela estava indo para lá, então enviamos um recado pelos parentes de Richard Spencer em Carmody, pedindo que trouxesse um garoto esperto e amigável de cerca de dez ou onze anos. Decidimos que seria a melhor idade: velho o suficiente para ajudar nas tarefas e novo o bastante para ser treinado da maneira correta. Queremos dar a ele um bom lar e uma boa educação. Recebemos um telegrama da sra. Alexander Spencer hoje, o carteiro trouxe da estação dos correios, dizendo que eles chegariam no trem das cinco e meia desta tarde. Então Matthew foi a Bright River para buscá-lo. A sra. Spencer vai deixá-lo lá, até porque seguirá até a estação White Sands.

A sra. Rachel orgulhava-se de sempre falar o que vinha à sua mente. E era o que iria fazer agora, já acostumada àquela notícia surpreendente.

— Bem, Marilla, vou falar com sinceridade que acho que você está fazendo uma grande besteira. É arriscado trazer uma criança estranha para sua casa. Este é o seu lar, e você não sabe nada sobre ele nem sobre seu comportamento. Que tipo de pais ele teve? O que pode se tornar?

Deus, faz só uma semana que eu li no jornal que um homem e a mulher dele, a oeste da ilha, adotaram um garoto de um orfanato que ateou fogo na casa de noite... Botou fogo *de propósito*, Marilla, e quase reduziu o casal a cinzas. E eu me lembro de outra história, sobre um menino adotado que costumava chupar os ovos das galinhas; os pais adotivos não conseguiam fazê-lo abandonar o hábito. Se tivesse pedido o meu conselho, o que você não fez, Marilla, eu teria pedido por piedade que esquecesse essa ideia, é isso.

Aquilo pareceu não ofender nem assustar Marilla. Ela simplesmente continuou a tricotar.

— Eu não nego que haja uma verdade no que você diz, Rachel. Já tive certo medo também, mas Matthew estava decidido. Eu podia ver isso, então cedi. É tão raro ele se envolver com algo... Quando acontece, eu me sinto no dever de concordar com ele. E, quanto ao risco, existe risco em quase tudo que as pessoas fazem neste mundo. Existe risco até mesmo em ter o próprio filho, se pararmos para pensar; nem sempre eles se tornam boas pessoas. E, também, a Nova Escócia fica bem próxima à ilha. Não é como se estivéssemos adotando uma criança da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Ele não pode ser tão diferente da gente.

— Pois bem, eu espero que dê certo — a sra. Rachel disse em um tom que claramente indicava suas dúvidas e angústias. — Só não venha me dizer que eu não avisei se ele queimar toda Green Gables ou envenenar um poço d'água. Ouvi falar de um caso lá em Nova Brunswick, uma criança de orfanato fez isso e a família toda morreu em horrível agonia. Mas nesse caso era uma garota.

— Ora, nós não estamos adotando uma menina — disse Marilla, como se envenenar poços fosse coisa de meninas, algo impensável tratando-se de um menino. — Eu jamais adotaria uma garota. Eu me pergunto o que levou a sra. Alexander Spencer a fazer isso. Mas, também, ela não teria medo de adotar um orfanato inteiro se tivesse botado essa ideia na cabeça.

A sra. Rachel teria gostado de ficar até que Matthew voltasse para casa com seu órfão importado. Mas, refletindo que levaria pelo menos umas boas duas horas até ele chegar, decidiu subir a estrada em direção

à casa de Robert Bell para contar as boas novas. Certamente a notícia causaria um alvoroço, e a sra. Rachel adorava causar um alvoroço. Então ela foi embora, para certo alívio de Marilla, que já sentia suas dúvidas e medos reaparecendo devido às influências do pessimismo da vizinha.

— Por Deus! De tudo que eu já vi antes... — esbravejou a sra. Rachel quando já não podia mais ser ouvida, avançando pela estrada. — Parece até que estou sonhando. Bom, eu sinto pena desse garoto, e dá para entender o motivo. Matthew e Marilla não sabem nada sobre crianças, vão esperar que ele seja mais esperto e mais forte que seu próprio avô, se é que ele já tenha tido um, o que é duvidoso. É inacreditável pensar em uma criança em Green Gables. Nunca houve nenhuma por lá, já que Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa foi erguida; se é que um dia foram crianças, no que é difícil de acreditar quando se olha para eles. Eu não gostaria de estar no lugar dessa criança de jeito nenhum. Tenho pena dele, e como tenho — disse a sra. Rachel com toda sinceridade para os arbustos de rosas silvestres.

Se ela pudesse, contudo, ter visto a criança que estava esperando pacientemente na estação de Bright River naquele mesmo momento, sua pena seria ainda maior e mais profunda.